

---

**A Sputnik Brasil como ferramenta de propaganda russa  
sobre a guerra da Ucrânia<sup>50</sup>**

**Sputnik Brazil as a tool of Russian propaganda  
about the war in Ukraine**

Luan Gabriel Alves de OLIVEIRA<sup>51</sup>  
Lídia RAMIRES<sup>52</sup>

**RESUMO**

O objetivo desse artigo é comparar o discurso da *Sputnik Brasil* sobre a invasão da Ucrânia com o de veículos mais tradicionais da imprensa brasileira, sendo representado aqui pelo *GI*, e fazer uma discussão sobre sua presença no Brasil. Considerada uma arma de propaganda por analistas, o veículo vem fazendo uma cobertura extensa da invasão e, analisando-a, conclui-se que ele possui discurso idêntico ao propagado pelo governo russo.

**PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo; Rússia; Ucrânia; discurso; MII

**ABSTRACT**

The goal of this article is to compare the discourse of *Sputnik Brazil* about the invasion of Ukraine with that of more traditional vehicles from the Brazilian press, represented here by the portal *GI*, and make a discussion about its presence in Brazil. Considered to be a propaganda weapon by analysts, the vehicle is making an extensive coverage of the invasion and, by analyzing it, it is concluded that it has a discourse that is identical to that of the Russian government.

**KEYWORDS**

Journalism; Russia; Ukraine; discourse; MII

---

<sup>50</sup> Artigo apresentado originalmente na forma de resumo expandido no IJ – 01 Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste

<sup>51</sup> Estudante do 8º período do Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas; e-mail: [luan.oliveira@ichca.ufal.br](mailto:luan.oliveira@ichca.ufal.br)

<sup>52</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (Ufal); e-mail: [lidia.ramires@ichca.ufal.br](mailto:lidia.ramires@ichca.ufal.br)

---

## INTRODUÇÃO

Apesar de haver certo consenso no Ocidente sobre os motivos e a natureza da invasão russa a Ucrânia, o evento representa mais um capítulo da guerra de informação que se trava sobre diversos temas. Enquanto alguns afirmam que se trata de uma reação russa ao expansionismo da Aliança do Tratado do Atlântico Norte (Otan), muito se fala também sobre o próprio avanço russo no Leste Europeu, com incursões recentes na Geórgia e na Crimeia.

Na imprensa brasileira, a discussão majoritariamente atende ao discurso ocidental dominante, onde o expansionismo russo e as ambições imperiais de Vladimir Putin o levaram a invadir mais um território que historicamente esteve na esfera de influência russa. Como referencial para a imprensa brasileira, será usado o portal de notícias G1, pertencente ao Grupo Globo. Se trata de um dos maiores veículos brasileiros com formato similar ao da *Sputnik Brasil*, o “jornalismo de portal”, com conteúdo interativo e gratuito.

Mais alinhado ao discurso russo se encontram os próprios veículos estatais da Rússia, que marcam presença em vários países do mundo. Como referência para esse artigo, usamos a *Sputnik Brasil*, classificado pelo pesquisador Elias Groll como “o *BuzzFeed* da propaganda”, devido a sua abordagem dinâmica e multimídia (2014), similar ao viral americano. Lá, o conflito não é chamado de guerra, e sim de “operação especial russa”, conforme linguagem usada pelo governo russo e imposto aos veículos locais pela *Roskomnadzor*<sup>53</sup>, a agência reguladora de comunicações do país.

Neste artigo, fazemos uma análise de textos sobre o conflito publicados nesses dois veículos e comparamos a abordagem utilizada. Ambos são textos em formato de análise que buscam orientar o leitor sobre as razões da invasão ao território ucraniano. Com a leitura, percebemos que o divulgado pela *Sputnik Brasil* emula o discurso oficial do Kremlin, espalhando entre os públicos brasileiros, especialmente aqueles com menor compreensão sobre o tema, uma versão distorcida dos acontecimentos no Leste Europeu.

Para fazer uma leitura dos textos e compreender suas construções de sentidos, faremos uso da Análise do Discurso Francesa (ADF), conforme proposta por Michel Pêcheux (1988).

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-warns-local-media-over-ukraine-war-coverage-2022-02-26/>. Acesso em: 28 fev. 2022.

---

Para a Análise do Discurso, a interpretação e produção de um texto passam pela ideologia dos indivíduos, e é uma poderosa ferramenta para se desvendar os sentidos embutidos no dito e no não-dito. Eni Orlandi (2017, p. 21) destaca que, na comunicação, é transmitido muito mais do que meras palavras:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente a transmissão de informação.

Na pesquisa aplicada ao jornalismo, a AD encontrou um terreno fértil, com várias produções sendo feitas e diversos jornalistas em programas de pós-graduação dedicados à área. Como afirma Lídia Ramires (2007, p. 88): “Procurar saber como esse processo [do fazer jornalístico] se dá e que interesses cercam a produção de notícias é ir para além do texto e entrar nos meandros da discursividade”.

Michel Pêcheux (1988, p. 160) afirma que “[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão de uma preposição etc., não existe ‘em si mesmo’, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual [...] são produzidas”. Por isso, entender o contexto da formação da *Sputnik* e seu lugar no mercado jornalístico é importante para analisar seu discurso. Esse será o primeiro objeto de investigação.

## **A MÁQUINA DE PROPAGANDA RUSSA E A MII**

Em 2014, um decreto presidencial criou a Sputnik, uma agência de notícias internacionais que suplantava a *RIA Novosti*, dissolvida no ano anterior. De acordo com o seu chefe, o controverso Dmitry Kiselyov, o portal deveria oferecer “interpretações alternativas que, sem dúvida, estão em demanda no mundo” (GROLL, 2014).

Utilizando apenas as ferramentas disponibilizadas no portal, o usuário comum teria dificuldades para descobrir a origem do veículo, ou que se trata de um veículo financiado pelo governo russo. Na aba “quem somos” do portal, localizada no rodapé, ele se descreve como “uma agência de notícias moderna”, com sede em Moscou e escritórios em todo o mundo. A página cita, depois, que o portal faz parte do grupo *Rossiya Segodnya*, mas não pontua que se

trata de um grupo estatal até o final da descrição, junto de outras informações técnicas, quando afirma que seu fundador é a “Empresa Federal *Estatal* Agência Internacional de Notícias Rossiya Segodnya”<sup>54</sup> (destaques do autor).

Em sua pesquisa sobre a Sputnik Brasil, Denise De Rocchi oferece duas interpretações para o uso da agência de notícias: a de ferramenta de *soft power*, ou seja, um componente que busca influenciar indiretamente em prol dos interesses russos, e, também, a de arma de guerra híbrida (2017, p. 1-2). Fazendo uso da metodologia da análise de conteúdo, a professora classificou postagens feitas no Facebook do veículo veiculadas entre 5 e 12 de abril de 2017. Ela afirma que “encontraram-se elementos para demonstrar que a escolha das notícias mais relevantes, aquelas que seriam promovidas via redes sociais junto aos leitores, eram ligadas a assuntos de maior interesse na política externa russa” (2017, p. 4).

Comparando com o conteúdo do G1, a autora também encontrou diferenças marcantes no discurso de ambos os veículos sobre o conflito na Síria, que se encontrava no auge de sua guerra civil e com denúncias da comunidade internacional ao uso de armas químicas por Bashar Al-Assad, um aliado de Vladimir Putin. “Enquanto os jornalistas da Rede Globo se referem à existência de ‘grupos rebeldes’ na região onde houve o ataque com armas químicas, o Sputnik afirma que estes são ‘grupos terroristas’, denominação que o presidente sírio Bashar Al Assad atribui a alguns de seus opositores” (2017, p. 4-5).

Para prosseguir com a discussão, evocamos aqui o conceito de “malign information influence (MII)”, que se traduz como “influência informacional maligna”, como proposto por Charlotte Wagnsson, em artigo sobre a Sputnik:

[... o termo denota] informação patrocinada por regimes autoritários ou outros atores hostis, projetada por meio de transmissão internacional para infligir danos. Esse tipo de transmissão internacional obscurece as linhas entre diplomacia pública, propaganda e jornalismo tradicional. Tais comunicações frequentemente se tornam atraentes por meio de narrativas efetivas que se constroem por meio da desinformação, mas não se restringem a ela. (WAGNSSON, 2022, p. 2, tradução nossa).<sup>55</sup>

<sup>54</sup> Disponível em: [https://br.sputniknews.com/docs/quem\\_somos.html](https://br.sputniknews.com/docs/quem_somos.html). Acesso em: 28 fev. 2022.

<sup>55</sup> “Information sponsored by authoritarian regimes or other hostile actors and projected through international broadcasting to inflict harm upon others. This kind of international broadcasting blurs the lines between public diplomacy, propaganda, and traditional journalism (Rawnsley, 2015, p. 274; Rawnsley, 2016; Wright et al., 2020). Such communication is often made attractive through affective narratives that build on, but is not restricted to, disinformation”.

## COMPARANDO DISCURSOS

Tomaremos como referência artigos que buscam explicar o básico do conflito para o leitor, oferecendo um contexto para a decisão russa de mover tropas para a fronteira e, por fim, atacar. Do lado do G1, temos o artigo “Por que a Rússia invadiu a Ucrânia”<sup>56</sup>. Na Sputnik, colhemos o artigo “O que Putin quis dizer com 'desnazificação' da Ucrânia e por que é tão importante?”<sup>57</sup>.

No G1, o subtítulo da matéria diz: *“Rússia e a Ucrânia vivem uma antiga história de conflitos. Ao longo dos séculos, a Ucrânia fez parte de impérios, sofreu inúmeras invasões, foi incorporada pelos russos e pelos soviéticos, se tornou independente, mas nunca resolveu por completo sua relação com a Rússia”*. Nesse trecho, é destacado um histórico de conflitos entre ambos os países e o fato de que a Ucrânia, historicamente, “fez parte de impérios, sofreu inúmeras invasões”. Vemos implícito no subtítulo do texto a ideia de que o país possui um histórico de assujeitamento, tendo agora vislumbrado sua independência, novamente ameaçada pelo jugo russo, como é sugerido na última parte do subtítulo.

Em seguida, o texto cita em pontos os motivos para os conflitos: movimentos separatistas no Donbass, expansão da Otan e aproximação da Ucrânia com o Ocidente e a ambição expansionista de Putin. Ao citar o histórico soviético do país, o G1 relembra o Holodomor, o “genocídio pela fome”. Tal lembrete se encontra em destaque, com letras de maior tamanho e demarcada por uma linha vermelha.

**Figura 1:** G1 destaca Holodomor em caixa alta em seu texto, e pontua a independência do país logo após, com marcação de texto

<sup>56</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/02/24/por-que-a-russia-invadiu-a-ucrania.ghtml>. Acesso em 28 fev. 2022.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://br.sputniknews.com/20220226/o-que-putin-quis-dizer-com-desnazificacao-da-ucrania-e-por-que-e-tao-importante-21601601.html>. Acesso em 28 fev. 2022.

**MUNDO**

A estimativa é que, entre 1931 e 1934, cerca de quatro milhões de ucranianos tenham morrido de fome. Inclusive, os ucranianos têm um nome para esse período:

“Holodomor” — genocídio pela fome.

Mesmo as gerações que não viveram a época se sentem marcadas por ela.

**Desde 1991, com o fim da União Soviética, a Ucrânia é um país independente.** Mas as histórias do país e da Rússia se confundem. A Ucrânia é considerada o berço da Rússia moderna.

Fonte: G1.

O texto recapitula os episódios do *Euromaidan* afirmando que “os ucranianos depuseram seu presidente pró-Rússia no início de 2014”. O ocorrido é contestado, especialmente na visão dos separatistas pró-Rússia e o próprio Kremlin. Para eles, se tratou de um golpe de estado para retirar o país da esfera de influência de Moscou. Essa versão possui defensores inclusive na academia, com destaque do popular artigo do professor John Mearsheimer, que classifica as atitudes do ocidente como “afronta” (2014, p. 2). Ao afirmar que “os ucranianos depuseram” o presidente Viktor Yanukovich, o portal implicitamente afirma ter se tratado de um ato legítimo de soberania popular.

Como consequência da deposição de Yanukovich, o texto diz, Vladimir Putin ordenou a captura da península da Crimeia, no sul da Ucrânia, “e apoiou separatistas que capturaram duas grandes províncias no leste do país — Donetsk e Luhansk”. Mais tarde, o autor também destaca o reconhecimento das duas províncias como nações independentes, “o que desprezaria um acordo de paz para o leste da Ucrânia, assinado em 2015”.

Buscando maiores referências no interdiscurso, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. [...] O que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, do já-dito” (ORLANDI, 2007, p. 31), notamos mais alguns pontos no discurso do veículo.

Um desses pontos é a forma como o texto do *G1* menciona a Rússia: diferente de outros textos, a Rússia é chamada não por seu nome, e sim pelo do seu presidente, Vladimir Putin. A escolha do portal denota que as ações do autocrata não representam a vontade da maioria do

país, como a extensiva cobertura dos protestos contra a guerra insinua<sup>58</sup>. Já a Ucrânia é descrita como uma única unidade e chamada pelo seu nome em todo momento, destacando inclusive “movimentos da Ucrânia de aproximação com instituições europeias”. O nome do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, não é mencionado em nenhum momento no texto.

Essas escolhas de nome (e a ausência que as acompanham) podem ser classificadas naquilo que Orlandi chama de “silêncio local”: “aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura, que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer” (ibid., p. 83). Putin foi eleito pelo povo russo e o representa, e suas atitudes como chefe do executivo são a atitude do governo enquanto instituição e, logo, de seu povo manifesto. O reconhecimento dessa realidade passa ao largo do texto. Esse mesmo silêncio local está presente no texto da *Sputnik Brasil*, como veremos mais à frente.

Do lado do veículo de origem russa, temos um forte teor pró-Kremlin logo no título. O que seria a “desnazificação” da Ucrânia, frequentemente alardeada no discurso oficial russo, é o foco do texto. A ação, junto da desmilitarização do país, é tida como importante de frente. O leitor está ali para entender não *se*, mas meramente *porque* tal movimentação é importante.

Na *Sputnik*, a ação russa é chamada de “operação especial militar”, em oposição ao G1, que afirma em seu primeiro parágrafo, em negrito, que “Vladimir Putin invadiu a Ucrânia”. O texto da agência estatal utiliza a fala do porta-voz Dmitry Peskov, que “detalhou que ‘desnazificar’ significa libertar a Ucrânia de neonazistas, de seus apoiadores e sua ideologia”, frase marcada em negrito no portal. Chama atenção o uso do verbo de elocução “detalhou” ao invés de uma formação mais neutra, como “afirmou” ou “disse”, que assujeitaria tal fala ao autor, e não aos fatos narrados. Conforme observa Gavazzi e Rodrigues (2003, *apud* PRADO, 2008, p. 44-45), termos como “dizer, falar”, são normalmente lidos como mais neutros, enquanto “explicar, diagnosticar” e suas variações colocam o entrevistado em uma posição de maior domínio sobre o que seria “*a verdade*”.

Em outro trecho, a *Sputnik* diz que “Moscou tem avisado repetidamente outros países que os **neonazistas tomaram o controle da Ucrânia** após o **golpe de Estado** pró-ocidental” (destaques constam no original). Apesar dos avisos, os países ocidentais têm “ignorado as

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/24/celebridades-russas-criticam-invasao-a-ucrania.ghtml>. Acesso em 28 fev. 2022.

violações de direitos humanos cometidas por Kiev desde então”. Aqui, a Rússia é colocada como a salvadora do povo ucraniano de violações de direitos humanos (que, no texto, não são *supostas*). Esse discurso é similar, por exemplo, ao adotado pelos EUA quando justificam incursões nos territórios de outros países.

Enquanto o texto do *GI* relembra os horrores do Holodomor sob Stalin na então República Socialista Soviética da Ucrânia (RSSU), a *Sputnik Brasil* traz sua própria tragédia: os embates em Odessa de 2014. Descrita como “uma das páginas mais sombrias da história do país”, a narrativa do portal conta que grupos “contrários ao golpe de Estado” foram encurralados por “neonazistas” que “apoiados pelas novas autoridades ucranianas” incendiaram um prédio sindical, onde 42 morreram e 250 ficaram feridas. O parágrafo destaca que os bombeiros só chegaram uma hora após o início das chamas, o que poderia sugerir cumplicidade ou incompetência das autoridades ucranianas.

Outra diferença é como as regiões de Donetsk e Luhansk são tratados pelos veículos: “províncias” no *GI*, essas são reconhecidas como repúblicas independentes no texto do *Sputnik*. Lá, a “nova liderança” de Kiev regularmente ordenava tropas para “bombardear as cidades da RPD e RPL”, abreviações para República Popular de Donetsk e Luhansk, respectivamente. Essas tropas estariam envolvidas em saques, estupros e, como colocado no subtítulo, “crimes de guerra”.

“Os nacionalistas e neonazistas sentados no governo de Kiev também têm uma rica história de crimes e violações de direitos humanos”, coloca o texto. Assim como, no *GI*, a figura de Putin é separada da Rússia enquanto Estado Nacional, no texto da *Sputnik* o governo de Kiev pós-Maidan é tratado como um ente separado da nação em si.

Uma última razão para a invasão trazida pelo texto da *Sputnik* é a discriminação do idioma russo em Kiev. O texto diz que a “liderança ucraniana muitas vezes encorajou em todo o país a discriminação contra tudo o que fosse relacionado à Rússia ou à língua russa”, e que suásticas são desenhadas em memoriais da Segunda Guerra.

Ao fim do texto, uma sugestão de leitura é feita pelo portal: “A lista completa dos crimes cometidos pelos líderes nacionalistas de Kiev ao longo desses oito anos estão detalhadas no Livro Branco” [sic]. É uma referência a uma publicação oficial do governo russo de 2014, onde

---

as várias violações que Kiev supostamente teria cometido contra sua população, especialmente os russos étnicos, são esmiuçadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Efetivamente banida da União Europeia após o início da divulgação de matérias sobre a invasão da Rússia ao território ucraniano, a *Sputnik* segue funcionando livremente no resto do mundo, inclusive no Brasil. Considerando que o país é responsável pela compra de R\$ 1.5 bi de produtos brasileiros em 2021, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, não seria prudente a tomada de uma decisão similar por parte do Brasil – especialmente considerando a posição histórica de neutralidade da diplomacia brasileira.

Conforme relembra Nayara Wiira (2019, p. 3), desde a visita de Fernando Henrique Cardoso à Rússia em 2002, no início da longa estadia de Vladimir Putin no Kremlin, ambos os países vêm alimentando uma crescente aproximação, que se acelerou consideravelmente com as tentativas do Partido dos Trabalhadores de fazer uma frente unida de nações em desenvolvimento no palco global. Hoje, Rússia e Brasil são parceiros no BRICS e possuem várias pautas similares em organizações como a ONU e a OMC (WIIRA, 2019, p. 6-7).

A posição historicamente neutra da diplomacia brasileira, contudo, nunca impediu sua atuação crítica frente às grandes questões globais, como o voto do país em favor de resolução da ONU condenando a invasão. O posicionamento do Estado também não elimina a responsabilidade dos profissionais da imprensa e dos acadêmicos de entenderem como o governo russo faz uso de suas agências estatais de notícias para influenciar o pensamento do público internacional. Hoje, é possível ver o discurso oficial da Rússia ecoando nos recantos mais extremos da esquerda e da direita nacional, todos amparados em um comum desprezo pela política exterior intervencionista dos Estados Unidos.

O discurso antiamericano usado pelo governo russo para justificar sua invasão à Ucrânia também encontra vários adeptos no Brasil, um país onde a confiança nos Estados Unidos é abalada por seu histórico intervencionista e, mais infamemente, as operações Condor e Brother Sam, que juntas auxiliaram na implantação de uma ditadura civil-militar que durou 21 anos e resultou em milhares de mortes e desaparecimentos.

Segundo dados do Similarweb, 5% do tráfego da Sputnik vem do Brasil, com um crescimento registrado de mais de 50% na data de conferência dos dados<sup>59</sup>. Literatura sobre os impactos da produção da agência no país não pôde ser encontrada, mas levantamentos feitos em outros países mostram um cenário interessante. Charlotte Wagnsson (2020, p. 7-8) concluiu em uma pesquisa que o consumo do portal era mais comum entre jovens de 18 a 29 anos, que seguiam partidos sem representação oficial no parlamento e mais ligados à esquerda e à direita radical.

Mesmo que leitores da RT/Sputnik confiem na mídia sueca mais do que eles confiam na RT e Sputnik, eles demonstram confiança menor do que não-leitores em políticos suecos, instituições da sociedade organizada, veículos de mídia, notícias e jornalismo. Isso confirma pesquisas anteriores demonstrando que o consumo de mídia não-*mainstream* é negativamente ligado à confiança na mídia como um todo (WAGNSSON, 2020, p. 13, *tradução do autor*).<sup>60</sup>

Tal pesquisa, vale ressaltar, é feita com base em um público notadamente distinto do brasileiro: o sueco. Conforme pontua Robert Entmann: “A resposta dos receptores é claramente afetada se eles percebem e processam informações sobre uma interpretação [dos fatos] e possuem pouca ou nenhuma informação sobre [narrativas] alternativas” (1993, p. 4, *tradução do autor*<sup>61</sup>). Com uma cultura de leitura bem inferior à dos suecos e uma cultura jornalística menos voltada ao exterior, especialmente países menos centrais como a Rússia, podem tornar o brasileiro mais vulnerável a influência de atores como a Sputnik/RT.

Mais pesquisa sobre os impactos dessa atuação se fazem necessárias no país, como uma forma de preparar tanto os tomadores de decisão quanto os atores da mídia para lidar com essas informações. Enquanto o silenciamento dos canais russos não é uma opção compatível com o livro de práticas da diplomacia brasileira, além de ter eficiência limitada dado o aspecto aberto da rede, o conhecimento sobre suas práticas e o desenvolvimento de estratégias de combate à

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/website/sputniknews.com/#traffic>. Acesso em: 01 abril 2022.

<sup>60</sup> “Even though RT/Sputnik users do trust Swedish media outlets more than they trust RT and Sputnik, they nevertheless display lower trust than non-users in Swedish politicians, societal institutions, media outlets, news, and journalism. This confirms previous research demonstrating that consumption of nonmainstream media is negatively associated with trust in the media in general”.

<sup>61</sup> “Receivers’ responses are clearly affected if they perceive and process information about one interpretation and possess little or incommensurable data about alternatives”.

MII são uma ferramenta efetiva para o combate à desinformação patrocinada por atores estrangeiros.

## REFERÊNCIAS

- DE ROCCHI, Denise. O uso da Comunicação como ferramenta de política externa da Federação Russa: Análise de Discurso do Sputnik News. In: Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação, XIII, 2017, Porto Alegre. **Anais**. [...] Porto Alegre: Uniritter, 2017. Disponível em: [https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos\\_trabalhos\\_20172/4925/2140/2604.pdf](https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos_20172/4925/2140/2604.pdf). Acesso em: 01 abr. 2022.
- ENTMAN, R. M. **Framing**: Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of communication*. vol. 43, p. 51-58, 1993.
- GROLL, Elias. Kremlin's 'Sputnik' Newswire Is the BuzzFeed of Propaganda. **Foreign Policy**, 2014. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2014/11/10/kremlins-sputnik-newswire-is-the-buzzfeed-of-propaganda/>. Acesso em: 01 abr. 2022.
- MEARSHEIMER, J. J. Why Ukraine Crisis Is the West's Fault. **Foreign Affairs**, 2014, v. 93, n. 5. Disponível em: <https://www.mearsheimer.com/wp-content/uploads/2019/06/Why-the-Ukraine-Crisis-Is.pdf>. Acesso em: 01 abril 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 7. Ed. São Paulo: Pontes, 2007.
- PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo: Editora da Unicamp, 1988.
- PRADO, V. A. G. S. O Percurso de uma entrevista no Jornal: alguns procedimentos lingüístico-discursivos na passagem do oral para o escrito e suas conseqüências para a interpretação da nunciação. **Linha d'Água**, n. 21, p. 47-76, 2008.
- RAMIRES, L.M.M.P. **Nas ondas do rádio, o movimento dos sentidos**: o discurso da CBN. 2007. 116f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.
- WAGNSSON, Charlotte. The paperboys of Russian messaging: RT/Sputnik audiences as vehicles for malign information influence. **Information, Communication & Society**, vol. 25, n. 3, p. 1-19, fev. 2022.
- WAGNSSON, Charlotte. **What is at stake in the information sphere?** Anxieties about malign information influence among ordinary Swedes. *European Security*, vol. 29, n. 4, p. 397-415, maio, 2020.
- WIIRA, N. O. Notas sobre as relações entre Brasil e Rússia na era Putin e perspectivas para o governo de Jair Bolsonaro. In: FÓRUM DE ANÁLISE DE CONJUNTURA, 19., 2019, São Paulo. **Anais**. [...]. São Paulo: Unesp, 2019. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/20191219164114.pdf>. Acesso em 01 abril 2022.